

ISABEL CRISTINA PIRES

Lázaro | Não ouço vozes

Lázaro

Lázaro, não te levantes, não
vultes à agonia, aconchega-te ao zero
que só tu conheces. Devo lembrar-te
a fadiga de sair da cova e repelir
bichos e homens com o teu cheiro
a carne que morreu. Não
te ergas, não te afogues na casa
do medo e da esperança, não brinques
aos homens bons. Não respires o ar
de toda a gente, não bebas da água
que não pára, não abras uns olhos
que poderão cegar. E, sobretudo,
não abras a boca, não fales,
para que não entre em ti
o demónio que nos faz acreditar
em qualquer coisa.

Não ouço vozes

Não ouço vozes, mas coisas.
Ouço os perigos sem ninguém
e o cachão apatetado da memória – tudo
átono, calado, sem o azoto rouco
das palavras, sem as sílabas dobradas
por serpentes. Não ouço vozes, nem
mensagens longe de mim mesma:
ouço os intervalos entre as horas
e o pegajoso passado que se esforça
por ser um combatente. Ouço
a aura sem cor de alguns mistérios
que estão constantemente ao nosso lado,
e o tédio dos poetas e de outros marinheiros.
Mas vozes na cabeça, vozes altas,
que comentam, irónicas, o mundo,
e nos mandam fazer coisas, nunca ouvi.
Que pena.

NOTA BIOGRÁFICA

Isabel Cristina Pires nasceu em 1953. Licenciou-se em Medicina em Coimbra, especializando-se em Psiquiatria. Desde 1987 (ano em que ganhou o prémio de Ficção Científica da Ed. Caminho e o prémio Revelação da revista *Mulheres*), tem vindo a publicar regularmente prosa e poesia. Está representada em inúmeras antologias de poesia e conto, em Portugal e no estrangeiro (traduções em catalão, francês, inglês e alemão).